

**SERGIO ZLOTNIC**

# **Gestalt-terapia e Transferência**

Copyright © 2017 by Sergio Zlotnic

Todos os direitos desta edição reservados à Zagodoni Editora Ltda. Nenhuma parte da obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja qual for o meio, sem a permissão prévia da Zagodoni.

*Editor*  
Adriano Zago

*Revisão*  
Marta D. Claudino

*Digitação*  
Allan S. Souza

*Diagramação*  
Marcelo Fernandes

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

Z72g

Zlotnic, Sergio

Gestalt-terapia e transferência / Sergio Zlotnic. - 1.ed.  
- São Paulo : Zagodoni, 2017.

138 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5524-045-4

1. Gestalt-terapia. 2. Contratransferência. 3. Psicanálise. I. Título.

17-42209

CDD: 616.89143

CDU: 159.964.33

---

É preciso partir de um profundo ateísmo  
para se chegar à ideia de Deus.

(Oswald de Andrade. Manifesto Antropofágico)

[2017]

**ZAGODONI EDITORA LTDA.**

Rua Capital Federal, 848 – Perdizes

01259-010 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 2334-6327

contato@zagodoni.com.br

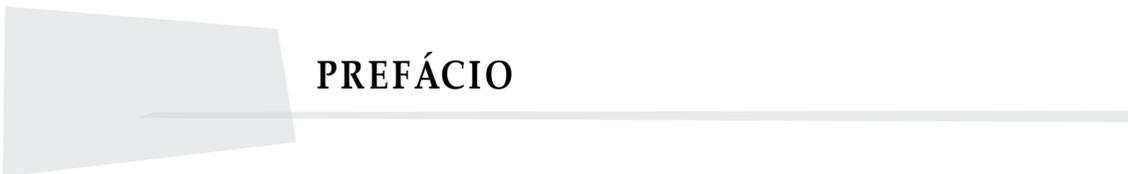
**www.zagodoni.com.br**



## AGRADECIMENTOS

---

Agradeço a: Norberto Abreu e Silva Neto; Anna Veronica Mautner; Hebe Mancini; Abel Marcos Guedes; Lilian Fração; Alberto Pereira Lima Filho; Ana Loffredo; Ari Rehfeld; Denise Borges; Gercy Campos; Keila Pavani; Liliana Pacheco; Marina Pacheco Jordão; Mauro Figueiroa; Myrian Bove; Nega (Marilene Damaso de Oliveira). À memória de Fanny Ligeti; Jean Clark Juliano; Rachel Rosenberg; e, Therese Tellegen. Agradeço também à CAPES, pelo fomento que possibilitou a pesquisa; aos clientes que todos os dias se recusam a caber nas teorias; aos alunos que permanentemente interrogam. Dedicado a Fanny Zlotnic e à memória de Schil Zlotnic.



## PREFÁCIO

Foi um prazer receber o convite de Sergio Zlotnic para fazer este prefácio. Amigo e colega querido, fez este convite após tantos anos em que nossas vidas tomaram rumos diversos e ficamos quase sem contato pessoal, embora sempre recebendo notícias um do outro. Fiquei surpresa, mas isto não foi novidade, pois Sergio sempre surpreende!

Vieram à mente cenas diversas. Durante o Curso de Formação em Gestalt-terapia no Instituto Sedes Sapientiae, no qual fomos colegas, há 35 anos, uma melodia lindamente assobiada anunciava a sua presença. Ficava encantada com sua energia, vitalidade, bom humor e versatilidade: era evidente tanto a sua agilidade nas discussões sobre temas diversos, quanto a sua habilidade em cantar, tocar, dramatizar, enfim, sua criatividade era a figura que se destacava! Espírito inquieto, sempre a fazer indagações.

Este livro é fruto das interrogações plantadas naquele contexto.

Nas abordagens psicológicas, teoria e prática se movimentam e se constroem em uma circularidade complementar, na qual a teoria oferece parâmetros que norteiam a prática e, esta, por sua vez, oferece os elementos constitutivos para a reflexão que elabora a teoria.

Assim, neste ir e vir entre teoria e prática, uma dá sustentação à outra – e elas vão se moldando mutuamente numa composição mais ampla e abrangente.

Neste texto, Sergio Zlotnic compartilha seu trabalho reflexivo, fruto dos questionamentos sobre as lacunas que percebia na construção teórica e na prática da Gestalt-terapia no início da década de 1980.

Naquele cenário, como o próprio autor relata, após o entusiasmo dos anos que se seguiram ao lançamento da abordagem, quando ficou evidente o potencial de transformação que ela trazia em seu bojo – ao integrar experiência vivida e elaboração de sentimentos no momento presente –, a Gestalt-terapia passava por uma revisão rigorosa de sua fundamentação teórica e metodológica.

Zlotnic colabora nesse contexto com suas críticas e reflexões. Volta-se, como outros gestalt-terapeutas, aos estudos da psicanálise como inspiração em uma das fontes nas quais Perls bebeu, como um resgate de alguns dos estudos e conceitos psicanalíticos que pudessem elucidar e favorecer uma compreensão mais rica e abrangente dos fenômenos humanos.

Corroborando essa linha de pensamento, lembro das reflexões e críticas de gestalt-terapeutas, e menciono uma palestra proferida por Gary Yontef, em 1992, intitulada “O que constitui uma boa terapia”. Ali, o terapeuta norte-americano ressalta a importância de se desenvolver uma metodologia fenomenológica suficientemente acurada, capaz de promover um encontro genuíno entre cliente e terapeuta – e um conhecimento dos diferentes estilos de personalidade e estudo de quadros clínicos, que auxiliam na compreensão dos fenômenos que se apresentam durante as sessões de terapia.

A pesquisa de Zlotnic refere-se a este primeiro item abordado por Yontef – e busca compreender como se dá a relação paciente-terapeuta ao longo do processo psicoterápico.

O estudo de Zlotnic se inicia contextualizando a Gestalt-terapia

e a psicanálise no panorama dos anos 1970 e 1980, e se propõe a garimpar os instrumentos teórico-técnicos que pudessem oferecer suporte consistente às intervenções clínicas. Faz um interessante contraponto entre as ideias dos dois fundadores: o da psicanálise e o da Gestalt-terapia.

Suas indagações dizem respeito a instrumentos que “possibilitassem uma visão do processo psicoterápico como um todo e não só de um episódio terapêutico” – limite que frequentemente se percebia em muitos escritos da literatura gestáltica da época.

O propósito de Zlotnic é o de identificar recursos que “possibilitassem transformações mais profundas, mais lentas e efetivas, ou seja, que permitissem o acesso ao mundo interno da pessoa” – e não permanecessem somente no aqui e agora da inter-relação da situação terapêutica, como a exemplo do que ocorria em muitos *workshops* realizados naquela ocasião.

Em sua investigação, Zlotnic busca também uma compreensão das intercorrências durante as sessões de psicoterapia, que “viabilizassem a utilização dos sentimentos mobilizados no terapeuta a partir do encontro com o cliente e a favor deste”.

Naquele tempo, o gestalt-terapeuta não falava em transferência, embora afirmasse a relação terapêutica como um experimento em si – e seu instrumento de trabalho.

Além dessas colocações, Zlotnic questiona os critérios para a utilização de experimentos – técnicas específicas usadas pela Gestalt-terapia.

Como, neste texto, o foco recai sobre a transferência, o autor descreve este conceito próprio da psicanálise, questiona as lacunas existentes na abordagem gestáltica e propõe a sua utilização revista (do fenômeno da transferência) para a prática dos gestalt-terapeutas.

Naquele época, embora já houvesse uma ênfase na metodologia fenomenológica e uma preferência de autores – como Yontef, Hycner e Jacobs – para descrever e pormenorizar a relação dialógica, como ferramenta para o trabalho, ainda não havia sido descrita a

ressonância como elemento constitutivo do diálogo cliente/terapeuta na abordagem gestáltica.

Importante mencionar que Lilian Frazão, logo em seguida, em 1991<sup>1</sup> (no artigo: “O diagnóstico processual em gestalt-terapia”), resalta a importância de se considerar o impacto que a fala e o modo do cliente se trazer para a sessão provoca no terapeuta – para que este possa formular hipóteses e ampliar a sua compreensão diagnóstica.

Esta publicação de Zlotnic, embora espelhada no pensamento elaborado há mais de 25 anos, faz coro aos estudos e antecipa publicações posteriores de inúmeros gestaltistas que se debruçaram na construção teórica sobre diferentes temas referentes à relação terapêutica na clínica gestáltica, tais como Cardella, em seu livro “A Construção do Psicoterapeuta” (2002), Pinto, em seu livro “Psicoterapia de Curta Duração” (2009), Jacobs e Yontef, com o artigo “Transference Meets Dialogue: a discussion between self psychology and Gestalt Therapy” (1991), e muitos outros.

A partir deste texto, e de outras contribuições, hoje, os cursos de formação em Gestalt-terapia dedicam muita atenção ao processo de ampliação da *awareness* do profissional, para que ele possa se colocar disponível e a serviço do cliente, desenvolvendo a percepção sensorial: uma apreensão pré-reflexiva, que lhe oferece elementos para a ampliação da consciência e elaboração de uma hipótese que elucide a compreensão do fenômeno apreendido no campo terapeuta/cliente.

Esses progressos são compartilhados com o cliente e, juntos – cliente e terapeuta – na mais bonita expressão do encontro dessa relação dialógica, vão evoluindo na busca de novas experiências e transformações, seguindo, enfim, o processo terapêutico. Em consonância com a Fenomenologia e a Teoria de Campo, que norteiam

a abordagem gestáltica, consideramos que o gestalt-terapeuta é um parceiro inter-humano.

As indagações do autor, tão pertinentes na época, lançaram as sementes para que esses novos debates germinassem em desdobramentos que, hoje, enriquecem o arcabouço teórico da Gestalt-terapia.

Não cabe aqui discorrer mais sobre este tema – e, sim, afirmar que este texto traz para os psicoterapeutas, não só gestaltistas ou psicanalistas, mas também aqueles de diversas abordagens, uma discussão que incita ao raciocínio crítico e dialético, estimulando a reflexão sobre a afirmação da identidade da abordagem que nos é referência, sobre a prática clínica – além de nos chamar à responsabilidade de manter um rigor que busca o sentido do que fazemos e de como fazemos.

O texto é muito rico, a leitura fluente – a pesquisa bibliográfica extensa traz informações importantes. Instigante, integra poesia, conhecimento aportado por vários autores e reflexões pessoais. Convida o leitor a uma interlocução que gera novas possibilidades de compreensão do que ocorre entre cliente e terapeuta no decorrer da sessão. É uma obra que enriquece e valoriza a produção científica.

MYRIAN BOVE FERNANDES

<sup>1</sup> Frazão, L. O diagnóstico processual em gestalt-terapia. *Revista de Gestalt*, n.1, São Paulo, 1991.



## SUMÁRIO

---

<b>P</b> reâmbulo. Contextualizando a produção de 1990 .....	17
<b>I</b> ntrodução. Procurando petróleo .....	23
<b>1</b> Panorâmica. A transmissão do conhecimento na formação de psicoterapeutas: “Por uma Ciência do novo” .....	31
<b>2</b> Intersecções.....	37
<b>3</b> A Gestalt-terapia .....	55
<b>4</b> A transferência .....	73
A condição para a cura .....	75
Transferência e repetição.....	78
Transferência e resistência: perseguindo a trilha da libido .....	80
Transferência e resistido .....	85
O menor divisor comum e o aqui e agora.....	89
(Contratransferência) .....	93
E os gestalt-terapeutas? .....	97

<b>5</b> Conclusão. De volta ao começo .....	101
<b>E</b> pílogo.....	107
<b>R</b> eferências .....	111
<b>P</b> ost scriptum! .....	117
<b>A</b> pêndice	
Os sete pecados capitais da GT.....	121

## PREÂMBULO.

### CONTEXTUALIZANDO A PRODUÇÃO DE 1990

#### 1. Psicoterapias e Psicanálise!

O trabalho que se apoia na clínica psicoterápica é um percurso sem fim de interrogações e respostas provisórias – que por isso mesmo se relançam adiante. Parodiando Freud, a prática sempre faz a teoria sofrer!

Minha dissertação de mestrado foi defendida em 1990, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Este livro a reproduz aqui. Trata-se de um estudo crítico da abordagem gestáltica – e sublinha a psicanálise freudiana como um dos pilares do pensamento de Fritz Perls, criador da gestalt-terapia; buscando no edifício de Freud alimento que dê maior consistência à teoria e à prática do psicoterapêutica.

A proposta é a de que a gestalt-terapia se disponha a incluir alguma reflexão e tratamento técnico ao fenômeno da transferência, que atravessa os processos psicoterapêuticos – mesmo aqueles não psicanalíticos – de cabo a rabo, a cada sessão, a cada momento.

O estudo sustenta que, justamente, esse conceito/fenômeno, a transferência, faz com que o processo clínico se dê no aqui-agora do acontecer psicoterápico, dizendo respeito àquilo que se passa no

presente entre cliente e terapeuta, razão pela qual não deve ser desprezado ou ignorado. Mais que isso, a inclusão de alguns conceitos do arcabouço psicanalítico (a contratransferência também é incluída no exame) – em processos psicoterápicos (derivados daquele) - oferece uma gama de novas técnicas à criatividade do psicoterapeuta, e dá uma visão de processo a abordagens que, de outra maneira, poderiam ficar restritas ao caráter episódico de cada encontro. A ideia é que todo o processo consiste num grande experimento – tanto nas psicoterapias, quanto na própria psicanálise.

A pesquisa ressuscita e explora, assim, em particular, o pensamento de Freud como uma das fontes da gestalt-terapia – que, como se sabe, ao lado de outras correntes do pensamento, é a raiz da escola gestáltica (juntamente com a Teoria da Forma e a Fenomenologia).

Nos progressos da pesquisa, o aqui-agora da gestalt-terapia é examinado – assim como o aqui-agora da psicanálise. Dessa maneira, faz-se uma correção de rota das traduções eventualmente apresadas que se fizeram da letra de Freud – opondo-a à fenomenologia. Nessas versões pouco exatas, a psicanálise comparece como uma abordagem cujo foco recai prioritariamente no passado.

Nossa tese, ao contrário, afirma: com o conceito de transferência, a psicanálise aterrissa bem no presente do acontecer clínico, e se assim não for, o psicanalista estará em desacordo com Freud.

Desse modo, consequência do estudo, o aspecto, por assim dizer, “fenomenológico” da psicanálise é sublinhado. Como se sabe, entre Husserl e Freud vai uma distância – particularmente naquilo que se refere às suas visões de mundo, fundadas em bases filosóficas distintas. Entretanto, ao destacar o aspecto fenomenológico da clínica psicanalítica, flagramos um ponto de encontro entre eles, Freud e Husserl – ambos alunos de Brentano –, o que talvez explique a convergência inesperada!

Do ponto de vista da relevância clínica, com as noções de *vínculo transferencial* que a psicanálise oferece, e que nosso estudo destaca, abre-se espaço para que a psicoterapia seja aplicada,

com mais densidade, àqueles clientes “difíceis” – *borderline* e outros –, cujo mecanismo de defesa seja distinto do (tradicional!) recalque.

A dissertação, enfim, recoloca a psicanálise como base do humanismo, num sentido mais amplo – à semelhança de outros movimentos do pensamento produzidos na passagem do século XIX ao século XX.

Cabe confessar que, mais adiante no tempo, depois de concluída a dissertação, a pesquisa avançou: tornei-me psicanalista, mas surpreendentemente reencontrei a psicoterapia pulsando no coração da psicanálise.

Esse reencontro está apresentado na tese de doutorado, defendida no mesmo Instituto da USP, doze anos mais tarde. Ali, com as ideias de Ferenczi (discípulo de Freud da primeira geração), examinam-se as experimentações que o psicanalista húngaro realiza – na esteira dos progressos teóricos de Freud, a partir de 1920. Onde, na clínica, experimentar é freudiano! E Ferenczi teria de ser formalmente considerado o criador do experimento!

Esses desenvolvimentos de nossas investigações, que buscam fazer dialogar campos diversos, estão registrados em comunicações orais e publicações, e sempre suscitam boas discussões, mesmo que na forma de férteis discordâncias!

Cabe mencionar que, depois de integrar o corpo docente do Departamento de Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae por vários anos, local historicamente relevante para a difusão da gestalt-terapia em São Paulo e no Brasil, as pesquisas interdisciplinares prosseguiram mais um pouco: no pós-doutorado realizado também no Instituto de Psicologia da USP, entre 2006 e 2009 - o tema foi a intersecção psicanálise/campo das artes!

E mais recentemente, nossas investigações nos conduziram à cena teatral. Clínica psicanalítica e artes do palco dialogando! Note-se: psicanálise e teatro estiveram ambos na base da formação de Fritz Perls!